



SANT'ANA, Werlesson Grassi. Entre efeitos de sentido e de presença: recepção, jogo, memória e mundivivência. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); Mestrado; Maria Helena Werneck.

CAPES; mestrado (bolsa Reuni).

Ator.

## RESUMO

Neste artigo reflete-se sobre *recepção* tendo como mote uma atividade performativa realizada por mim e Tania Alice. Para tanto é lançado mão da *Estética da recepção*, uma corrente teórica que versa sobre a recepção de textos verbais, sobretudo de textos literários. Ou seja, por meio de uma teoria da literatura, procura-se apontar o papel do receptor no jogo de construção do sentido na recepção de obras de arte de natureza diversa. Destacando-se desta teoria a defesa de um receptor que mobiliza no jogo a sua mundivivência, a sua memória, procura-se apontar a pertinência da investigação da relação entre recepção e memória, tendo como mote um conceito mais dilatado de memória, conceito que vá além da memória como recordação, mas como experiência sempre a se fazer, memória aberta às novas associações, interligações e configurações demandadas pelo jogo do texto. Por fim, fricciona-se a *Estética da recepção* à obra *Produção de Presença* de Hans Ulrich Gumbrecht, percebendo de que maneira aquela teoria pode ser considerada uma aproximação do objeto estético pela via do sentido e apontando outra possibilidade de aproximação do objeto que não a metafísica, na terminologia deste autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** recepção, mundivivência, memória, sentido, presença

## ABSTRACT

This article reflects on having received as his motto, an activity performed by Tania Alice and me. To do so is made use of the aesthetics of reception, a theoretical orientation that focuses on the reception of verbal texts, especially literary texts. That is, through a literary theory, seeks to point out the role of the receiver in the game of construction of meaning in the reception of works of art in nature. Emphasizing the defense of this theory of a receiver in the game that mobilizes its mundivivência, his memory, like pointing to the relevance of investigating the relationship between reception and memory, taking as his motto a concept more extended memory, a concept that goes addition to the memory as a souvenir, but as an experience always to do, open to new memory associations, interconnections and configurations demanded by the text of the game. Finally, rub the Aesthetics of reception to the work *Production of Presence* by Hans Ulrich Gumbrecht, realizing how that theory can be considered an approximation of the aesthetic object through the sense and

pointing out another possibility of approximation of the object than the metaphysical in the terminology of the author.

**KEYWORDS:** reception, mundivivência, memory, sense the presence

Neste artigo reflete-se sobre *recepção* tendo como mote uma atividade performativa realizada por mim e Tania Alice<sup>1</sup>. Para tanto é lançado mão da *Estética da recepção*, uma corrente teórica que versa sobre a recepção de textos verbais, sobretudo de textos literários. Ou seja, por meio de uma teoria da literatura, procura-se apontar o papel do receptor no jogo de construção do sentido na recepção de obras de arte de natureza diversa, dedicando-se em especial ao jogo estabelecido entre autor, texto e leitor na produção de sentido. Destacando-se a defesa de um receptor que mobiliza no jogo a sua mundivivência, a sua memória, procura-se apontar a pertinência da investigação da relação entre recepção e memória, tendo como mote um conceito mais dilatado de memória, conceito que vá além da memória como recordação, mas como experiência sempre a se fazer, memória aberta às novas associações, interligações e configurações demandadas pelo jogo do texto. Por fim, fricciona-se a *Estética da recepção* à obra *Produção de Presença* de Hans Ulrich Gumbrecht, percebendo de que maneira a estética da recepção pode ser considerada uma teoria de aproximação do objeto estético pela via do sentido e apontando outra possibilidade de aproximação do objeto que não a metafísica, na terminologia deste autor.

Passo inicialmente à descrição da atividade performativa. O experimento foi realizado por mim e Tania Alice. Uma performer, vestida de super-herói, ficava meditando durante 15 minutos, em frente a instituições públicas e artísticas, enquanto o outro performer questionava as pessoas aparentemente afetadas por tal ação, perguntando: "O que é isso?". Instigou-nos o fato de obter-se respostas diversas a este questionamento, fato que despertou o interesse pela reflexão acerca dos aspectos envolvidos na recepção de obras artísticas.

Início esta reflexão tendo em vista alguns conceitos fornecidos pela *Estética da recepção*. Wolfgang Iser (2002), um dos mentores desta corrente, introduz jogo como conceito capaz de cobrir todas as operações realizadas no processo textual. Defende que o autor joga com o leitor e o texto é o campo do jogo. Assim, o sentido não é um a priori constitutivo do texto, mas é resultado de um jogo entre autor e leitor mediado pelo texto. Ao contrário de uma crença imanentista, o sentido não preexiste ao jogo, mas é engendrado no momento do jogo, e surge como resultado deste. No caso da performance em estudo, considerando os performers como autores, os transeuntes como leitores e a performance como o texto, podemos afirmar que o sentido não é preexistente ao ato performativo. Dessa maneira, o sentido é resultado de uma construção, de um jogo em que a esfera da recepção é tão importante quanto à da produção. Podemos perceber isso levando em consideração a variedade de respostas dos transeuntes à pergunta "O que é isto"? Ao lançarmos esta pergunta, estimulamos o receptor a se questionar acerca do sentido da performance que presencia. No entanto, há um limite no ato da interpretação, segundo essa teoria, ou seja, nem toda construção de sentido é válida uma vez

que o jogo é mediado pelo texto. Assim, a performance em análise permite uma série de interpretações, mas estas não são ilimitadas, pois são mediadas pelo jogo com sua materialidade. De fato foi o que ocorreu. Transcrevo algumas dessas respostas:

Transeunte 1: "Uma estátua viva".

Transeunte 2: "Uma vereadora? Aqui, é a câmara dos vereadores, não é?".

Transeunte 3: "Uma mulher que não sabe o que fazer. Não tem trabalho".

Transeunte 4: "Ela está representando alguma coisa."

Transeunte 5: "Sei lá...."

Transeunte 6: "Chapolin Colorado".

Transeunte 7: "É um tipo de pessoa diferente que aparece nessa época por conta do Rock in Rio."

Houve uma variedade considerável de respostas. Todas foram possibilitadas por um jogo com a materialidade. Por exemplo, a resposta do *Transeunte 2* foi obtida quando a performance realizou-se em frente a uma câmara de vereadores, a do *Transeunte 7*, por sua vez, foi possibilitada pelo fato desta atividade ter sido executada na mesma época em que acontecia o *Rock'n Rio*, já a resposta do *Transeunte 5* revela um desempenho que mantém o significado em aberto.

Outro conceito desta teoria que mobilizaremos é o de *lugares vazios*. Segundo Luiz Costa Lima, este conceito de Iser pode ser definido como "[...] relações não formuladas entre as diversas camadas do texto e suas várias possibilidades de conexão [...]" (Lima, 2002, p.26). Nesse jogo de produção de sentido, segundo este teórico, o leitor é obrigado a preencher os lugares vazios deixados pelo texto. Podemos considerar como lugares vazios da performance realizada as diversas relações não formuladas entre, por exemplo, a vestimenta da performer, o espaço escolhido para a realização da atividade performativa, a temporalidade estabelecida por esta, a "ação" executada etc. Cabe ao leitor formular estas relações, preencher esses lugares vazios da estrutura da performance. Acrescento, no entanto, que o leitor é considerado também nas teorias imanentistas, mas sempre com um papel passivo, como aquele que apenas extrai um sentido preexistente ao ato de leitura. No rastro de Gadamer, a *Estética da recepção* confere lugar ativo ao receptor no sistema literário. Para essa corrente teórica ele não é uma tábula rasa que se debruça sobre o texto, ele traz as marcas de sua realidade sócio-histórica, seu horizonte de expectativas, sua mundivivência, o que, por sua vez, expande o universo de possibilidades de leitura. Pensando na relação entre memória e recepção, podemos relacionar a este conceito de mundivivência da estética da recepção as considerações feitas por Fayga Ostrower sobre memória. Ostrower (1977) defende que em cada uma de nossas vivências são mobilizados múltiplos e concomitantes passado-presente-futuro. Depreende-se de suas palavras uma certa atividade relacionada à memória, ou seja, Ostrower aponta para seu caráter de construção, sempre com novas interligações, configurações e abertura às associações. Nesse sentido, afirma que a nossa memória é não-factual, uma memória de vida vivida. Assim, cada leitor carregaria uma

memória aberta às novas associações, interligações e configurações demandadas pelo jogo do texto. Também, quanto ao caráter de construção da memória, pode-se lançar mão das teses sobre o tempo de Gilles Deleuze. Para este, nas palavras de Peter Pél Pelbart

[...] não se trata de um passado *a descobrir*, mas *a inventar* segundo o dobramento a que estará submetido e que irá situar num feixe de relações insuspeitado. Diríamos que o tempo, como matéria-prima aberta, é como uma massa a ser incessantemente moldada, ou modulada, estirada, amassada, comprimida, fluidificada, densificada, sobreposta, dividida, distendida etc. O tempo liberado do presente, do presente atualizado, do movimento, da sucessão, significa que essa massa torna-se disponível a uma pluralidade processual que não cessa de fazê-la variar (2007, p.19-20).

Dessa forma, mostra-se fecunda a investigação das relações existentes entre recepção e memória. Para isso é preciso lançar mão de um conceito mais dilatado de memória, conceito que vá além de memória como recordação, mas como experiência sempre a se fazer.

Por fim, fricciono a *Estética da recepção* à obra *Produção de Presença* de Hans Ulrich Gumbrecht. Este autor se inscreve no movimento intelectual que desde o final da década de 1970 buscou resistir às implicações metafísicas nas ciências humanas. Ele é contra a valorização do *cogito* (e as dicotomias oriundas disso) e espiritualização metafísica (presente na vocação hermenêutica) em detrimento da “coisidade do mundo”. Marcelo Jamin afirma que presença, no contexto deste livro, refere-se “[...] às coisas [*res extensae*] que, estando à nossa frente, ocupam espaço, são tangíveis aos nossos corpos e não são compreensíveis, exclusiva e necessariamente, por uma relação de sentido [...]” (Jamin, 2010p.9). Destaco *exclusiva e necessariamente* de sua afirmação. Gumbrecht reconhece, segundo Marcelo, a interpretação como parte integrante e necessária do estar-no-mundo. O que ele problematiza é a interpretação, a hermenêutica, como único modo de nos relacionarmos com os fenômenos humanos. “[...] Como lidar intelectualmente com essas experiências de modo não interpretativo é um dos centros de reflexão deste livro” (*idem*,p.9). Assim, “[...] a tensão entre presença e sentido constitui o *leitmotiv* do presente livro [...]” (*idem*,p.10). Destaco que Gumbrecht não condena nenhum modo de relação com o mundo que tome o sentido como ponto de partida. Dessa forma, não defende uma simples substituição do sentido pela presença, mas sim “[...] uma relação com as coisas do mundo que possa oscilar entre efeitos de presença e efeitos de sentido [...]” (2010,p.15). Ele retoma o conceito aristotélico de signo. Diferentemente do pensamento de Saussure, para quem o signo é composto por significado e significante, para Aristóteles, o signo reúne uma substância (aquilo que está presente porque exige um espaço) e uma forma (aquilo que torna perceptível uma substância). Não há aqui a dicotomia entre material e imaterial. Não há um sentido imaterial desconectado de um significante material.

Isso posto, podemos ampliar a noção de recepção. A *Estética da recepção*, utilizando a terminologia de Gumbrecht, pode ser considerada como um tipo de teoria metafísica, ou seja, esta corrente teórica propõe uma aproximação do objeto estético pela via do sentido. Ela parte de uma noção não substancialista de signo e propõe o conceito de jogo, que tem por resultado sempre ou a

construção de sentido, ou a manutenção do sentido em aberto. A materialidade, nessa teoria, seria uma espécie de trampolim para se chegar ao sentido. Quando lançamos em nosso experimento performativo a pergunta “O que é isto?”, estimulamos um tipo de aproximação da nossa performance que privilegiava o efeito de sentido, assim, forçamos nosso receptor a buscar algo para além da materialidade. Defendemos que a *Estética da recepção* é uma teoria que fornece ferramentas úteis para a compreensão da recepção na sua faceta de efeito de sentido. Porém, como propõe Gumbrecht, o elemento estético é constituído pela oscilação entre efeitos de sentido e efeitos de presença, e dessa maneira urge, para dar conta da totalidade da recepção, ser friccionada com uma teoria que pense acerca dos efeitos de presença.

Refiro-me à *Meditação ou será que fazer nada pode afetar* O registro desta performance está disponível no blog <http://performanceefetos.blogspot.com/2011/10/meditacao-ou-sera-que-nao-fazer-nada.html>.

## Referências

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

ISER, Wolfgang. O Jogo do Texto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P. 105-118.

LIMA, Luiz Costa. Prefácio à Segunda Edição. In: **LIMA, Luiz Costa (Org.). A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P. 9-34.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Editora Voze, 1977.

PELBART, Peter Pál. O tempo como massa modulável. In: **O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva, 2007. P.19-20.

STIERLE, Karlheinz. Que Significa a Recepção dos textos Ficcionalis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P. 119-165.